

Design como esperança no engajamento com um grupo de moradores de um bairro do Rio de Janeiro

Maria Cristina Ibarra (ESDI/UERJ, Brasil)
mcibarra.ufpe@gmail.com

Universidade do Estado de Rio de Janeiro
Rua do Passeio 80, Rio de Janeiro (RJ)

Design como esperança no engajamento com um grupo de moradores de um bairro do Rio de Janeiro

Resumo: No livro *The method of Hope* (2004), o antropólogo Hirokazu Miyazaki propõe uma nova modalidade de engajamento etnográfico que aborda a esperança como método e não apenas como um objeto de análise. À luz dos argumentos de Miyazaki, busca-se aqui explorar como o design contribui ou interrompe momentos de esperança. Esta exploração se faz através da análise do meu engajamento como designer com um grupo de moradores que lutou contra a violência no bairro de Santa Teresa (Rio de Janeiro), denominado "Coletivo Santa sem violência" (CSSV).

Palavras-chave: design, antropologia, esperança, temporalidade, comunidades.

The design as hope in the engagement with a group of residents of a neighborhood of Rio de Janeiro

Abstract: In the book *The Method of Hope* (2004), the anthropologist Hirokazu Miyazaki proposes a new modality of ethnographic engagement that approaches hope as a method and not only as an object of analysis. In the light of Miyazaki's arguments, the paper seeks here to explore how design contributes or interrupts moments of hope. This exploration is done by analyzing my engagement as a designer with a group of residents who fought against violence in the neighborhood of Santa Teresa (Rio de Janeiro), known as the "Santa without violence Collective" (SWVC).

Keywords: design, anthropology, hope, temporality, communities.

Introdução

A relação do design com a antropologia surgiu de várias frentes. Para alguns historiadores, um ponto crucial foi o trabalho de Victor Papanek e o lançamento do seu livro *'Design for the real world'* em 1971 (CLARKE, 2018). Muitas coisas têm acontecido desde aquela época. Atualmente, a relação entre design e antropologia tem se aprofundado. Várias abordagens têm surgido desta relação, entre elas a que se conhece como *Design Anthropology (DA)*. No campo de DA, nem a antropologia nem o design são objetos de análise. Este é um campo que se permite reformular métodos estabelecidos em design e em antropologia, possibilitando novas abordagens e misturas metodológicas (KJÆRSGAARD et al, 2016). O trabalho no coletivo Santa Sem Violência é uma exploração destas possibilidades.

Dando continuidade a algumas questões que surgiram durante meu mestrado, juntei-me a um coletivo de moradores em Santa Teresa com a concepção de que, de uma forma ou de outra, todos somos designers. No mestrado (IBARRA, 2014), pesquisei os artefatos produzidos e pensados por não-designers nas ruas de Belo Horizonte. Desta vez, na pesquisa apresentada neste artigo, não realizei apenas estudos *dos* não-designers, me juntei *com* eles a fim de “seguir os modos do mundo na medida em que se desdobram” (INGOLD, 2012, p. 38). Eu buscava não apenas fazer uma descrição do bairro de Santa Teresa e de um grupo de moradores, mas corresponder com eles, ou seja, afinar minha percepção de tal maneira que pudesse responder ao que eu estava recebendo deles. Em Santa Teresa, não só pratiquei design, mas também vivi experiências. Este processo mudou minha forma de pensar e sentir; foi um processo educacional, como sugere Ingold (2018).

Com base na relação cada vez mais próxima entre design e antropologia, o presente artigo analisa meu engajamento como designer com o grupo de moradores à luz dos argumentos do antropólogo Hirokazu Miyazaki. Como manter viva a esperança é um dos interesses de pesquisa deste antropólogo japonês, professor da *Northwestern University*, nos Estados Unidos (WEINBERG COLLEGE, 2018). Em seu livro *The Method of Hope* (2004) – O método da esperança –, o autor compara a esperança do povo Suvavou com a esperança acadêmica, buscando propor uma nova modalidade de engajamento etnográfico que aborda a esperança como um método e não como um objeto de análise.

Neste artigo, pretendo analisar o meu próprio engajamento como designer (2016-2017) com um grupo de moradores que lutou contra a violência no bairro de Santa Teresa (Rio de Janeiro), denominado "Coletivo

Santa sem violência" (CSSV). Meu ponto de partida é que ambos, o povo Suvavou e o CSSV, têm mantido a esperança viva por um longo tempo. Ao contrário de Miyazaki, eu não sou antropóloga, sou uma designer que conversa com a antropologia. Na minha perspectiva, o livro *The method of Hope* abre uma discussão sobre design e sua relação com a antropologia. Se Miyazaki está fazendo um esforço para recuperar a esperança como um método para a antropologia, então, indiretamente, ele está propondo uma outra maneira de relacionar antropologia e design.

A seguir, nas duas primeiras seções, é desenvolvido um relato com diferentes episódios do Coletivo Santa sem Violência. Na primeira seção, o relato é escrito com a perspectiva de uma observadora e, na segunda seção, com a perspectiva de uma pesquisadora em design que fazia parte da iniciativa. Na terceira seção, justapõem-se momentos de esperança do povo Suvavou com momentos de esperança do Coletivo, a fim de analisar o meu trabalho de campo à luz dos argumentos do livro de Miyazaki. E, finalmente, na quarta seção, apresenta-se uma análise de momentos de “incongruência temporal” (MIYAZAKI, 2014) que resultaram em momentos renovados de prospectividade (e esperança) no meu engajamento com o CSSV. Meu objetivo aqui é compreender como o design contribui ou interrompe momentos de esperança e como estes momentos poderiam ser desencadeados por meio do design no futuro.

Na figura 1, apresento uma linha do tempo que auxilia na leitura e no acompanhamento dos diferentes episódios aqui descritos do Coletivo Santa sem Violência.

Linha do tempo dos episódios do Coletivo Santa Sem Violência

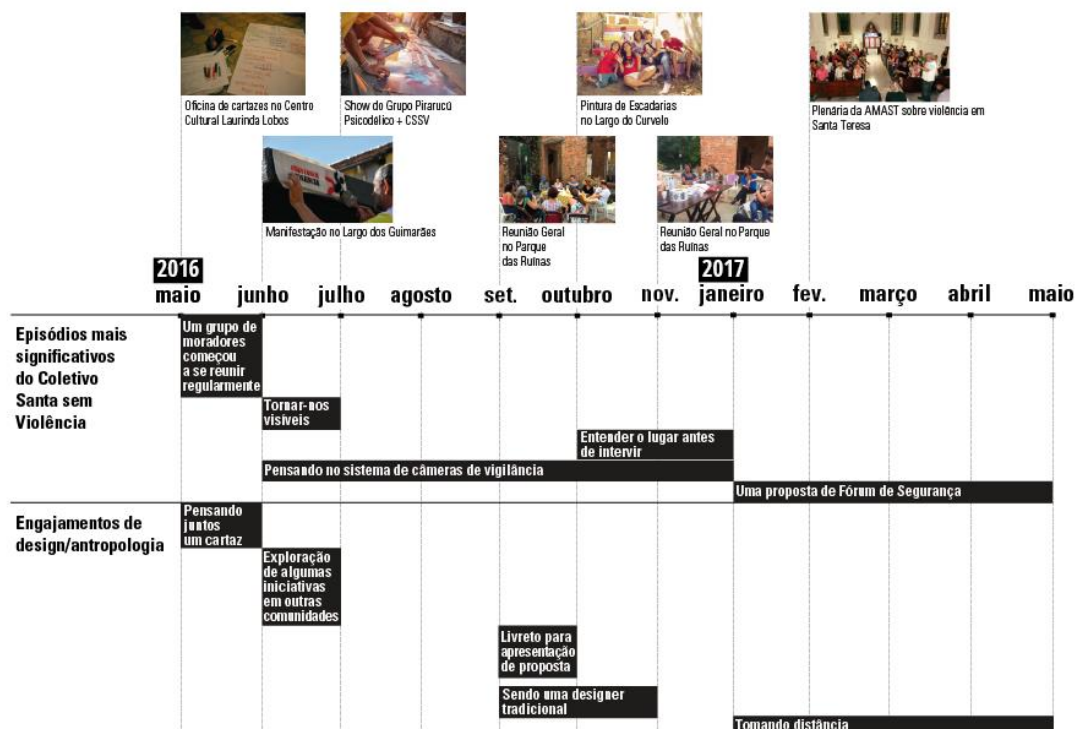


Figura 1. Linha do tempo dos episódios do Coletivo Santa sem Violência. (Fonte: da autora)

1. Coletivo Santa sem Violência

Um grupo de moradores começou a se reunir regularmente

Conheci o grupo que mais tarde se chamou coletivo 'Santa sem violência' (CSSV) em um evento aberto ao público em maio de 2016. Como muitos outros moradores, recebi o convite pelo *Facebook* e achei que era uma boa oportunidade, como pesquisadora e residente, para entender melhor o que os moradores estavam pensando sobre o bairro e a violência que lá incide. Peguei um ônibus para chegar lá, e depois de ouvir o motorista dizendo: “aqui é o Largo das Neves”, desci e em uma pequena praça, vi muita gente reunida. A maioria deles estavam sentados no chão formando um círculo, algumas crianças brincavam perto, haviam vendedores ambulantes e um bar em frente à praça ainda estava aberto. Aproximei-me do círculo de pessoas e observei uma delas dando a palavra àqueles que levantavam as mãos.

Todo mundo queria conversar. A líder da reunião ficou um pouco confusa com a quantidade de pessoas levantando as mãos. Havia uma forte vontade de expressar ideias e contar histórias sobre a onda severa de violência no bairro. Naquela noite de quarta-feira, escutei mais de quinze pessoas, dentre as cerca de cinquenta que compareceram ao encontro, narrando experiências sobre violência e, também, expressando algumas ideias sobre como tentar resolver o problema.

Depois de ouvir vários participantes propondo a criação de cartazes para alertar os visitantes, levantei a mão e propus organizar uma oficina para pensar sobre o conteúdo daqueles cartazes. Quando a reunião terminou, conheci Angélica, a líder da reunião, e lhe contei sobre meu desejo de trabalhar com ela. Ela disse que gostou da ideia de fazer um *workshop* e propôs a criação de uma reunião para organizá-lo e outra para realizá-lo. Depois de conversar com ela e outros moradores por meio de um grupo de *Facebook* e outro de *Whatsapp* – aplicativo de mensagens de celular – criados após a reunião, o *workshop* foi marcado para a próxima semana no Centro Cultural Laurinda Santos Lobos. Após este primeiro encontro, um grupo de participantes começou a se reunir para discutir e realizar atividades de prevenção da violência no bairro.

Tornar-nos visíveis

A manifestação aconteceu no dia 11 de junho de 2016, sábado de manhã, no Largo dos Guimarães, o ponto mais importante do bairro, que reúne visitantes e moradores nos seus espaços culturais e comerciais. Por meio de um evento no *Facebook*, folhetos espalhados nas redes sociais e convites feitos de forma verbal, o coletivo chamou palhaços, bailarinos, artistas, músicos e, em geral, todos os moradores do bairro para participar. Desde o primeiro encontro no Largo das Neves, outros encontros foram realizados para organizar essa atividade, na qual foram planejados cartazes e estênceis, para colá-los nas paredes próximas à praça. A meu ver, o objetivo da manifestação era chamar a atenção das autoridades e comunicar aos moradores e visitantes a seriedade da onda de violência que tinha tomado conta do bairro.

Cerca de quarenta pessoas compareceram, incluindo crianças e adultos. Eu pude reconhecer algumas pessoas que assistiram à primeira reunião no Largo das Neves, porém estava mais familiarizada com os moradores que participaram das reuniões antes da manifestação. A maioria dos participantes eram amigos de Angélica, seja por meio de seu trabalho como atriz e circense ou do bairro, e parecia que alguns deles eram amigos de longa data.

Muitas atividades foram realizadas por diferentes grupos em diferentes momentos e lugares. Em frente à estação de bonde havia um grande grupo fazendo estênceis, pôsteres e camisetas com o logo do coletivo; nos arredores, como em alguns restaurantes, no cinema e no Mercado das Pulgas, outro grupo colava alguns cartazes nas paredes; duas palhaças leram repetidamente através de um megafone uma espécie de manifesto composto pelo Coletivo reivindicando o direito de se locomover com segurança na vizinhança; uma paródia de uma canção famosa foi escrita e cantada para falar sobre violência, uma performance chamada "Santa de cabeça para baixo" foi feita no meio da rua, alguns estrangeiros participaram com discursos em espanhol e inglês, um grupo fazia fotos e vídeos, e um curto discurso contra a violência foi falado por um representante da Associação de moradores do bairro, AMAST. Havia muito entusiasmo no ar (Figura 2).



Figura 2. Manifestação no Largo dos Guimarães, Junho 2016. (Fonte: da Autora)

Naquela época, observei essa manifestação como uma indicação do forte desejo do grupo de ser ouvido por outros moradores, pela polícia, pela mídia e pelos turistas. Ela tinha um tom forte de demanda e insatisfação, mas também um senso de comunidade e fraternidade na forma como exigia uma vizinhança ativa e a união de residentes de diferentes partes que usaram sua criatividade e habilidades para expressar o que vivenciavam.

Os membros do coletivo manifestaram que, apesar do fato de que apenas alguns moradores participaram da manifestação, em comparação com a quantidade que estávamos esperando, eles tinham ficado satisfeitos com o resultado. Leonardo agradeceu a Angélica por sua iniciativa e ela incentivou o resto do grupo a continuar trabalhando junto. Ela também mencionou que poderíamos chamar esse trabalho de "nossa iniciativa" e que a manifestação era um momento para nos tornarmos visíveis no bairro. Claudio disse que foi uma atividade muito positiva e Ingrid e eu expressamos o quanto apreciamos a congregação de pessoas. Em uma conversa *online*, definimos a data para a próxima reunião. Na minha opinião, esse foi o momento em que o grupo foi se formando, de fato.

Entender o lugar antes de intervir

No dia 08 de outubro, aproveitando o evento 'Arte de Portas Abertas', que acontece anualmente, reunindo milhares de pessoas para apreciar estúdios e obras de arte em Santa Teresa, o CSSV organizou uma pintura de escadarias no Largo do Curvelo. Este lugar foi escolhido por ser um local de encontro para muitas pessoas nos finais de semana, e porque AME Santa, a Associação de Amigos e Empresários do bairro, da qual faziam parte alguns membros do coletivo, planejava fazer uma intervenção que terminaria por lá.

Era uma manhã ensolarada e fresca de sábado e todos tínhamos muita energia para compartilhar e pintar as escadarias com as crianças e adolescentes que foram convidados para o evento. Aproximadamente quarenta pessoas compareceram, entre adultos, adolescentes e crianças, a maioria da Escola Monte Alegre, uma instituição de ensino local onde Angélica trabalha, e onde alguns dos integrantes do Coletivo, como Naty e Sabrina têm como lugar de estudo de seus filhos. Todos, organizadores e convidados, colocaram na mesa o que trouxeram para a atividade – pincéis, rolos, cartazes, faixas, tintas e salgadinhos – e esperaram que mais pessoas chegassem enquanto socializavam entre si. Enquanto isso, um grupo de

adolescentes e crianças colocava nas grades da praça alguns cartazes que haviam feito por conta própria, e convidavam as pessoas a combater a violência. Além disso, outros membros, dentre eles eu também, instalávamos um aparelho de som e dois *banners*: um com uma mensagem para o bairro trabalhar em conjunto e outro com uma mensagem de paz.

Após a instalação de *banners* e cartazes, e com mais participantes, nos dividimos espontaneamente em dois grupos: um pintava as escadarias do parque com as crianças e o outro pintava as escadarias da Travessa Cassiano com os adolescentes. Enquanto isso, um palhaço convidado animava a cena através de um microfone e colocava uma música no aparelho de som. Além dele, se reuniu a nós Marcelo Lamarca, um grafiteiro local, que fazia um mural no parquinho.

Nos próximos dois encontros do coletivo, em relação à pintura das escadarias, algumas pessoas expressaram seus sentimentos com a atividade. Ingrid sugeriu não convidar as crianças para a próxima intervenção, pois, além das escadarias, as crianças pintaram os corrimãos e outras áreas que são patrimônio arquitetônico do bairro e o coletivo levou muitos dias até conseguir reparar todos os danos. Ela também propôs fazer um plano e delegar funções. Enquanto isso, Angélica advertiu que era muito importante entender o lugar onde iríamos trabalhar e, também, ela expressou seu contentamento em relação à participação das crianças nas atividades, porque o coletivo tinha nascido do roubo de um carro com uma criança dentro.

A meu ver, a pintura de escadarias foi um momento de alegria e diversão para todos nós, um momento sem medo que resultou de um esforço coletivo: a presença de mães e crianças da Escola Monte Alegre, o financiamento de alguns empresários e residentes locais e a preocupação e vontade dos membros do coletivo.

Pensando no sistema de câmeras de vigilância

Desde a sugestão de Cláudio F. de instalar um sistema de câmeras de vigilância no bairro, esse tornou-se um plano para o coletivo. Na reunião realizada no dia 03 de julho de 2016, o coletivo pensou que era importante elaborar um projeto escrito especificando detalhes sobre o sistema de câmeras, mapear locais nos quais as câmeras seriam localizadas, identificar onde já havia câmeras, perguntar sobre a legalidade deste tipo de monitoramento e pesquisar informações detalhadas sobre os custos do sistema. Regularmente, o projeto das câmeras aparecia como algo a ser feito,

um ponto na lista de deveres, mas sem nenhum dos membros envolvidos e trabalhando concretamente nele.

Em setembro, a ideia do projeto evoluiu. Na reunião realizada no dia 24 (Figura 3), Cláudio F. e Lili propuseram que a comunidade pudesse ter a possibilidade de monitorar as câmeras pela *internet* e, também, que uma pessoa pudesse monitorar e informar à polícia sobre o que estaria acontecendo em relação à violência. No dia 31 de outubro, Lili propôs acelerar a criação do projeto, porque ela considerava que um empresário que ela havia visto em um jornal poderia patrociná-lo. Finalmente, em 26 de novembro, o coletivo apresentou uma proposta para as câmeras numa reunião realizada no Parque das Ruínas. O projeto, que foi criado por Naty com base nas sugestões e comentários de outros membros, continha uma apresentação do coletivo, seus objetivos para a instalação do sistema de câmeras de vigilância, o funcionamento do sistema, tarefas a serem executadas e um mapa com a localização de tiroteios, assaltos e câmeras instaladas no bairro. Na reunião, todos concordaram que este seria um projeto de médio prazo e que poderia ser dividido em pequenos objetivos para garantir sua realização.



Figura 3. Reunião realizada no Parque das Ruínas - Setembro de 2016. (Fonte: da Autora)

Além disso, durante os meses em que o coletivo estava pensando sobre as câmeras, também consideramos fazer atividades culturais. Algumas ideias foram discutidas, como fazer um mini-festival com música e atividades artísticas para chamar a atenção da polícia e da mídia, organizar um café da manhã para ocupar uma das praças, até mesmo pintar as escadarias do Largo do Curvelo. Algumas pessoas, como Cláudio F., deram mais apoio ao sistema de câmeras de vigilância, mas a maioria dos membros acreditava que as atividades e o projeto das câmeras foram igualmente importantes na luta contra a violência.

Uma proposta de Fórum de Segurança

Em 2017, as atividades do coletivo começaram com uma reunião informal no dia 26 de janeiro, em um restaurante que pertencia a um dos membros. Na mesma semana, em uma conversa *online* pelo grupo do *Whatsapp*, o coletivo decidiu enviar uma carta ao novo delegado da 7ª Delegacia de Polícia Civil, Orlando Zaccone. Na carta, que foi escrita por Angélica e revisada por alguns membros, o delegado era convidado para uma reunião conosco a fim de criar uma possível parceria entre o coletivo e a Delegacia da Polícia Civil. Passadas as semanas, essa reunião não se concretizou porque o delegado convocou uma reunião aberta com a comunidade em abril de 2017, sugerindo que o coletivo participasse dela para que pudessemos ouvir o que a comunidade tinha a dizer.

Mais tarde, em 09 de fevereiro, houve uma sessão plenária da AMAST aberta à comunidade para discutir a violência com alguns membros da Subprefeitura do Centro e Centro Histórico, a 23ª Região Administrativa, a 7ª Delegacia de Polícia Civil e o 5º Batalhão da Polícia Militar e representantes da Guarda Municipal e da Secretaria da Ordem Pública (SEOP). Esta reunião foi realizada na Igreja Episcopal Anglicana, perto do Largo dos Guimarães, e contou com a participação de cerca de oitenta moradores. Alguns deles apresentaram seus casos e questões, havendo discrepâncias na maneira de encarar o problema. Por exemplo, um dos moradores reclamou da quantidade excessiva de bares no bairro e do barulho até muito tarde. Ao mesmo tempo, alguns empresários e outros moradores disseram que os bares e restaurantes ajudavam o bairro, porque promoviam a circulação de mais pessoas, tornando as ruas menos perigosas.

Os convidados à plenária explicaram seus pontos de vista sobre a situação do bairro em relação à violência e argumentaram sobre seus modos de agir. O delegado da polícia civil, por exemplo, disse que o bairro tinha uma geografia difícil, já que estava localizado numa cadeia de montanhas, o que tornava a situação mais complexa para a polícia.

Em 25 de abril de 2017, a reunião convocada pelo delegado no jardim da 7ª Delegacia de Polícia contou com a participação de cerca de cinquenta pessoas, algumas das quais eu já havia visto antes, mas a maioria delas era nova para mim. Alguns membros do coletivo também compareceram: Angélica, Naty, Ingrid, Candice, Roosivelt e eu. Na reunião, o delegado sugeriu a criação de um Fórum de Segurança propondo reuniões mensais com os moradores na delegacia para tratar e falar sobre violência. Ele tinha tido conversas com a AMAST e tinham concordado que o fórum

poderia ter representantes dos diferentes coletivos que existiam em Santa Teresa.

Após essa reunião, o coletivo convocou mais duas reuniões no Centro Cultural Laurinda Santos Lobos, e Candice foi eleita nossa representante nas reuniões com a AMAST e o delegado. A partir deste momento, o coletivo, como um grupo de pessoas que se reunia para conversar e fazer intervenções nas ruas, gradualmente começou a desaparecer, ou melhor, a se transformar. Outras iniciativas surgiram no bairro e o coletivo manteve contato por meio do grupo no *Whatsapp*. Muitas histórias sobre roubos e assaltos têm sido contadas nesse grupo e, de acordo com as estatísticas da polícia, a violência aumentou no ano seguinte.

2. Engajamentos de design/antropologia

Pensando juntos um cartaz para colocar nas paredes do bairro

Nos quatro encontros seguintes do coletivo após o primeiro no Largo das Neves, o grupo discutiu sobre um pôster que seria colocado nas ruas e sobre uma manifestação. Todo o processo foi espontâneo, começamos com uma ideia de criar um pôster, mas outras propostas de atividades surgiram no caminho.

Para o segundo encontro, foi organizada uma oficina e os moradores foram convidados através das mídias sociais (Figura 4). Cheguei um pouco mais cedo com alguns materiais e esperei que as pessoas viessem. O local era o Centro Cultural Laurinda Santos Lobos, situado em uma antiga casa no bairro com diferentes salas para exposições e aulas e uma grande varanda. Ficamos lá, na varanda, o lugar que nos foi designado para a atividade. A primeira colaboradora a chegar foi Ingrid, depois Angélica, e outras pessoas vieram sucessivamente. Os participantes da oficina eram oito pessoas no total. Começamos a reunião com algumas palavras de Angélica falando sobre a iniciativa e sobre o que havia acontecido na primeira reunião no Largo das Neves. Depois, ela me deu a palavra e eu me apresentei como aluna de doutorado da ESDI/UERJ. Em seguida, falei sobre a dinâmica da oficina que havia planejado. Eu disse que a ideia de criar um pôster surgiu na reunião anterior, depois de ouvir de várias pessoas. Nesse momento, sublinhei que gostaria de pensar junto com eles a mensagem e o conteúdo do pôster.



Figura. 4. Oficina no Centro Cultural “Laurinda Santos Lobos” em maio de 2016.
Fonte: (da Autora)

A seguir, distribuí três folhas para cada um dos presentes. As folhas consistiam em uma ficha com perguntas e um mapa. A ficha tinha questões relacionadas ao conteúdo dos cartazes, o público para o qual eles eram direcionados, os materiais com os quais eles seriam feitos, a forma e os custos. O mapa foi planejado para pensar juntos quais eram os lugares mais perigosos do bairro, e neles colocar os cartazes. Pedi que utilizassem de 05 a 10 minutos para pensar nas respostas e depois conversar. Quando todos estavam prontos, começaram a ler o que tinham nas fichas. Com as respostas dos participantes, se gerou uma discussão e, enquanto isso, eu escrevia as ideias em grandes folhas de papéis com canetas coloridas para criar um panorama visual que todos nós pudéssemos ver. Concluímos aquela reunião com a ideia de colocar no cartaz o desenho de um assaltante com um símbolo de proibido acima encontrado na *internet* por um dos participantes. Este desenho foi escolhido após o *brainstorming* e uma votação. Contudo, não terminamos o trabalho ali, pois foram necessárias outras reuniões para completar o pôster.

No terceiro encontro, realizado no mercado de pulgas do Largo dos Guimarães, seis pessoas participaram, contando comigo. De todos eles, conhecia Angélica de encontros anteriores, e Nicolas, que era meu colega de casa. Porém, Angélica e eu éramos as únicas que tínhamos ido às reuniões anteriores. Começamos a organizar algumas mesas e cadeiras no terraço e, em seguida, estando sentados, os participantes fizeram alguns comentários sobre como lidar com a violência. Nicolas disse que, na Argentina, quando ocorreu algo parecido, eles pediram a um político para intervir em favor da comunidade. Outro participante disse que um famoso deputado federal morava no bairro, então conversar com ele poderia ser uma solução. Outros comentários foram feitos e, paralelamente, eu escrevia as ideias das pessoas em uma folha de papel. Cláudio chegou atrasado e disse que havia tentado todas as táticas que estávamos propondo e que nenhuma delas havia funcionado.

Naquele dia, percebi que a tomada de decisões na democracia era mais difícil do que eu imaginava, porque cada pessoa tinha opiniões diferentes sobre um tópico e sentimentos e preocupações específicas também. Por exemplo, na minha perspectiva, para Cláudio, o fato de ter tentado, por vários anos, combater assaltos e roubos no seu quarteirão lhe deu outra perspectiva da situação e talvez falta de confiança. Angélica era atriz, então, talvez, ela acreditasse que expressar seus sentimentos era o primeiro caminho a ser seguido. Nicolas, que era estrangeiro, trouxe uma

maneira de resolver problemas que ele viu em seu país, e para ele e para o outro participante envolver os políticos era a melhor solução. Foi difícil chegar a um acordo entre nós. Sabíamos que uma manifestação aconteceria, mas, depois disso, qual seria o próximo passo? Naquela reunião, eu trouxe a ideia de fazer um estêncil em vez de pôsteres impressos, devido aos custos dos materiais. Todos concordaram, mas dois dos participantes não participaram mais das reuniões, e acredito que foi porque não concordavam com as ideias do grupo e com a forma com que estávamos lidando com a situação.

Nesse encontro, através do diálogo decidimos também que faríamos uma manifestação que partiria do Largo dos Guimarães em direção a lugares perigosos do bairro, para colocar os estênceis ao longo desse trajeto. Além disso, marcamos uma data para isso e determinamos que, em vez de pedir dinheiro, os materiais para os estênceis seriam doados por todos os participantes. Eles iriam trazê-los no dia da manifestação e na próxima reunião, a fim de começar com a confecção.

Para o quarto encontro, foi combinado que todos trariam folhas de acetato e estiletes para começar com a produção dos estênceis. Aproximadamente nove pessoas participaram: Angélica, Sabrina, André, Roosivelt, Mayara, Leo, eu e mais duas pessoas que chegaram atrasadas. Três deles tinham participado do segundo encontro e os outros estavam vindo pela primeira vez. Alguns dos participantes levaram chapas de raios-x para reutilizá-las e eu levei um guia impresso para produzir o molde do estêncil e alguns estiletes. O desenho do estêncil foi decidido na oficina da segunda reunião, e consistia em um pictograma de um ladrão com um símbolo de proibição em cima. O guia impresso para o molde desencadeou uma conversa e discussão. Naquela semana, no dia 28 de maio, dois ônibus foram queimados no bairro, próximo à comunidade do Morro dos Prazeres, em resposta a algumas mortes resultantes de confrontos policiais com traficantes de drogas. Um dos argumentos de uma participante, Mayara, foi que, no Coletivo, não queríamos o assassinato de ladrões, e que o pictograma estava transmitindo essa mensagem devido ao símbolo de proibição. Outro participante respondeu que a mensagem do pictograma tinha a ver com acabar com os roubos na área onde o estêncil seria localizado, e não para apoiar o homicídio de pessoas.

No entanto, com base nesta opinião e na possibilidade de o pictograma ser mal interpretado, o símbolo de proibição do desenho foi removido e, através de votação, concordamos em fazer dois *estêncils*: um com o pictograma de um ladrão (sem o símbolo de proibição) e outro com a *hashtag* #SantaSemViolência. Eu trouxe a ideia da *hashtag* esperando que

essa frase se tornasse viral, pois ela começava a ser considerada como o nome do grupo. Mais tarde, outra votação foi feita. Tratava-se de incluir o pictograma ao lado da *hashtag*. A decisão foi que o estêncil do pictograma e o estêncil da *hashtag* não ficariam juntos nas paredes, porque reconhecemos que o bairro sofre diferentes tipos de violência além dos assaltos e usá-los juntos seria fazer uma associação a um único conceito.

Nesse encontro, eu me ofereci para enviar ao grupo do *Facebook* um arquivo com um molde para a produção dos dois *estêncils* e um tutorial explicando como fazê-los. Dessa forma, os moradores poderiam ir à manifestação com estes moldes para os estênceis prontos para uso. No entanto, um dia antes da manifestação, fizemos uma rápida reunião na casa de Sabrina para fazer os moldes. Cinco pessoas participaram. Angélica e Leonardo levaram chapas de raios-X reutilizadas, eu levei impressões com o pictograma e a *hashtag* e todos nós cortamos alguns moldes para os estênceis. Angélica se comprometeu a trazer folhas grandes de papel para os cartazes e eu traria cola para os lambe-lambes.

Exploração de algumas iniciativas em outras comunidades

Após a manifestação, em 23 de junho, o coletivo realizou uma reunião na casa de Sabrina. Angélica, Ingrid, Sabrina, Leonardo, Cláudio F. e eu estávamos presentes. Todos estavam contentes e satisfeitos com a forma com que a manifestação ocorreu. No entanto, Leonardo ficou um pouco preocupado com um episódio que aconteceu naquele dia. Ele e eu estávamos no meio da rua tirando fotos dos manifestantes que estavam na estação de bonde e, de repente, um motociclista gritou que éramos “coxinhas”. Essa palavra é usada no Brasil para se referir às pessoas afinizadas ao pensamento de direita, que se opõem ao governo de então, do Partido dos Trabalhadores (PT). Leonardo argumentou que os ladrões não perguntam sobre o seu partido político quando eles estão atacando. Além disso, ele se queixou de que um dos membros do coletivo exibia um desenho que apoiava a então presidente, Dilma Rousseff, e pediu para não incluir posições políticas na causa, porque isso faria com que muitas pessoas não quisessem participar dela. O resto do grupo concordou com isso e Angélica pediu a todos para pensar sobre os princípios do coletivo, ou seja, sobre alguns pontos que guiassem nossas ações.

Além disso, com a intenção de avançar, Leonardo sugeriu fazer uma rápida exploração na *internet* de algumas outras iniciativas criadas por outras comunidades em todo o mundo para combater a violência nos bairros. Assim, no próximo encontro, no dia 28 de junho, dois de nós

trouxemos casos encontrados na *internet* e ideias para continuar com as atividades. Este encontro foi realizado novamente na casa de Sabrina, e Angélica, Leonardo, Cláudio F. e eu participamos.

O encontro começou e Cláudio F. e eu conversamos sobre o que havíamos encontrado na *internet*. Cláudio F. propôs construir um sistema de câmeras de vigilância e eu mostrei, por meio de uma apresentação, algumas iniciativas colaborativas como: dar vida a uma praça, instalar *banners* e cartazes para alertar sobre o crime, configurar eventos noturnos e estimular o uso de um aplicativo criado para unir os moradores em situações de emergência. Todos gostaram das iniciativas, mas preferiram a proposta do sistema de câmeras de vigilância. Angélica pediu que eu enviasse a apresentação para todos e ela disse que deveríamos mostrá-la à comunidade na próxima reunião. Além disso, dias depois, Angélica enviou por *e-mail* a alguns dos membros do coletivo os princípios que ela preparou para discutir em uma de nossas reuniões.

Livreto para apresentação de proposta

No dia 24 de setembro, em um encontro no Parque das Ruínas, entreguei para alguns dos participantes um livreto que tinha preparado para essa reunião (Figura 5). O livreto tinha sessões diferentes que mostravam: algumas informações sobre mim, algumas ideias sobre o que os designers fazem, alguns conceitos sobre codesign, design participativo e *design anthropology*, alguns comentários dos membros do coletivo, uma proposta a ser discutida e perguntas que convidavam a debater e pensar juntos.

Naquela época, eu estava preocupada com o meu papel como designer no coletivo. Para mim, era importante ter um papel para além produção de peças gráficas. Me chamava atenção a maneira como estávamos tomando decisões e as ideias que estávamos desenvolvendo. Em uma sessão de tutoria com a Profa. Sissel Olander, ela me deu algumas sugestões em relação a essas preocupações e eu as considerei muito apropriadas e importantes. Ela me recomendou propor algo por meio de um pequeno livro a ser discutido em um dos encontros, algo que me permitisse falar explicitamente sobre o que eu estava fazendo, sobre o meu compromisso com a causa, e sobre a possibilidade de trabalhar em pequena escala.

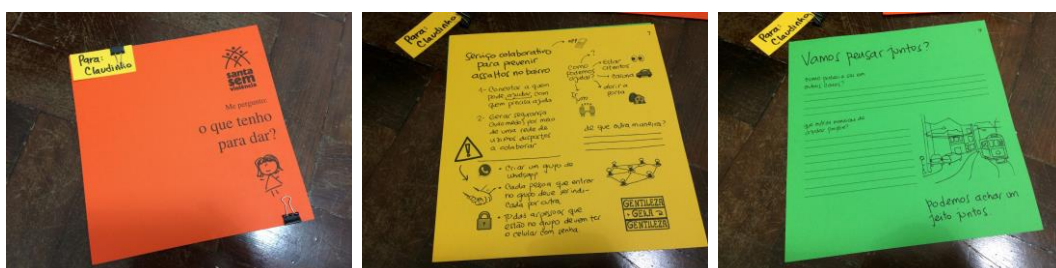


Figura 5. Livreto para apresentação de proposta

Com essas ideias em mente, pesquisei na *internet* aplicativos que ajudam a combater a violência. Encontrei vários relacionados com a luta contra a violência contra as mulheres e concluí que o objetivo deles era reunir as pessoas. Inspirada por esse conceito, eu me perguntei: "Como podemos unir as pessoas em Santa Teresa? Quem? Turistas e moradores? Residentes mais velhos com residentes novos?" Eu achava que criar um aplicativo implicava um alto custo, então, com base em algumas declarações que eu tinha lido no grupo do *WhatsApp* do coletivo, como a ideia de acompanhar aqueles que precisavam ir de um lugar para outro, criar rondas pelo bairro, ocupar as ruas com as pessoas, e a necessidade de ser independente das autoridades, levei uma proposta para ser debatida na reunião.

A proposta consistia na criação de um grupo *WhatsApp* para juntar aqueles que precisavam de ajuda com aqueles que queriam ajudar. As ajudas poderiam ser quatro: estar atento, oferecer uma carona, abrir a porta da casa em situações perigosas ou acompanhar. A pessoa que precisava de ajuda (A) iniciava o diálogo com um ideograma do círculo azul dizendo "preciso de ajuda", e a pessoa que poderia oferecê-la (B) responderia com outro ideograma relacionado ao tipo de ajuda que ele poderia oferecer, por exemplo, com um *emoji* na forma de um carro. (A) esperaria por (B) em um local acordado. Depois de entregar os livretos aos participantes, expliquei todas as sessões, mas não houve comentários sobre a proposta, ninguém disse nada. Em seguida, Ingrid, que estava liderando a reunião, pediu para Cláudio F. falar sobre a questão das câmeras.

Apesar do acontecido não ter coincidido com minhas expectativas, esqueci momentaneamente da ideia do grupo de *WhatsApp* que tinha trazido e continuei participando da reunião.

Sendo uma designer tradicional

Como mencionado anteriormente, em uma reunião na casa de Ingrid, em 07 de setembro, Lili sugeriu aproveitar o evento "Arte de portas abertas" e fazer uma atividade cultural. Depois de observar que as paredes do bairro eram predominantemente cinzas, e vendo casos em que a pintura de escadarias reduzia a violência e impulsionava a sensação de pertencimento local, sugeri pintar algumas escadarias onde a violência era mais evidente no bairro. No momento da reunião, ninguém fez nenhum comentário sobre a ideia, que não provocou nenhum debate, mas, assim que

cheguei em casa, mandei para o grupo *WhatsApp* algumas fotos de escadarias pintadas ao redor do mundo e eles ficaram animados com a ideia.

Lili e Ingrid, também membros da AME Santa, a Associação de Amigos e Empresários do bairro, levaram a proposta da pintura de escadarias para eles. Com o apoio de moradores e lojistas locais, foram adquiridas tintas e impressos *flyers* para convidar as pessoas a participarem da pintura de escadarias e do concerto 'Choro pela Paz', organizado pelo Restaurante Pau Brasil, na rua André Cavalcanti.

Para a pintura de escadarias no Largo do Curvelo, e nesse período como um todo, eu atuei mais como uma designer tradicional. Isso significa que trabalhei mais no desenvolvimento de elementos gráficos, como folhetos, *e-flyers*, *banners* e adesivos. Criei um evento no *Facebook* convidando a comunidade para a atividade, vários *flyers* para divulgação do evento nas redes sociais, também dois *banners* financiados pelo Restaurante Pau Brasil para serem colocados na rua André Cavalcanti no dia do *show* 'Choro pela Paz', e no Largo do Curvelo, no dia da pintura das escadarias.

No dia da atividade no Largo do Curvelo, meu papel era conduzir, junto com Lili, a pintura das escadarias realizadas pelos adolescentes. Como a maioria dos membros estava trabalhando com as crianças, convidei as adolescentes a pintarem a escada da Travessa Cassiano que fica ao lado da praça. Seguindo a sugestão de Lili, fizemos um arco-íris, misturando as tintas brancas que foram doadas com pigmentos de cores diferentes que ela havia trazido.

Além disso, após a reunião na casa de Ingrid, Angélica sugeriu no grupo do *WhatsApp* imprimir adesivos com o logotipo do Coletivo e vendê-los, a fim de obter recursos para nossas atividades, mesmo que fossem poucos. Todos concordaram e eu propus fazer algumas amostras. Depois de desenhar os *layouts*, fiz alguns testes de impressão em um espaço de impressão não comercial localizado na universidade. Embora o adesivo tenha um preço razoável, percebemos que produzi-los em uma gráfica poderia ser mais barato. Com os *layouts* que enviei para Lili, ela fez os adesivos mas, infelizmente, eles ficaram prontos depois da pintura de escadarias.

Tomando distância

No final de fevereiro, devido ao meu enorme sentimento de insegurança e o medo de andar nas ruas, mudei-me de Santa Teresa. No entanto, antes de sair, ainda em janeiro, participei de uma reunião do coletivo e, no início do mês seguinte, em uma sessão plenária do AMAST

aberta à comunidade para discutir a violência com alguns membros do setor público. Já morando em outro bairro, fiz várias visitas esporádicas a Santa Teresa: uma para participar de uma reunião convocada pelo delegado da 7ª Delegacia de Polícia Civil, Orlando Zaccane, e outras para entrevistar alguns membros do CSSV, do AME Santa e também o delegado. Apesar de todas essas interações e participações, no final do ano de 2016 eu tinha começado a me distanciar do coletivo e do bairro. Este distanciamento foi acentuado no dia em que fiz a última entrevista em maio de 2017.

3. Justapondo momentos de esperança

No livro *The Method of Hope* (2004), o antropólogo Hirokazu Miyazaki explora como a esperança é apresentada na vida do povo Suvavou, no campo da filosofia e na antropologia. Baseado no trabalho da antropóloga Marilyn Strathern, que justapõe em seu trabalho o conhecimento melanésio e o conhecimento antropológico, ele comparou a esperança do povo Suvavou com a esperança acadêmica. Suvavou é a aldeia dos descendentes dos proprietários originais das terras de Suva, a capital de Fiji. Desde o final do século XIX, eles exigiram do governo uma indenização adequada por suas terras durante mais de cem anos, sem sucesso mas, no entanto, mantendo viva a esperança por várias gerações.

Nos termos do livro, a esperança não é objeto de análise, mas um “método que une diferentes formas de conhecimento” (MIYAZAKI, 2004, p.4). O autor relata a esperança que ele identificou nos fijianos, em seu próprio trabalho como antropólogo, e nas teorias de alguns filósofos, como Richard Rorty, Ernst Bloch e Walter Benjamin. Para ele, esses filósofos abordam a esperança como um método de reorientação radical do conhecimento. Desta forma, ele propôs uma outra maneira de fazer etnografia, que não é focada na objetivação, mas em recepção e resposta. Assim, seu livro é uma maneira de responder à esperança do povo Suvavou e, como disse o autor, uma especulação sobre o que vem depois da esperança.

Mas, e se pensarmos o coletivo de moradores de Santa Teresa como um grupo que experimentou sucessivos episódios de esperança? E se olharmos para suas reuniões, seus convites e atividades públicas como rituais semelhantes aos do povo Suvavou?

Em seu livro, Miyazaki traçou um paralelo entre os rituais cristãos e os rituais de troca de presentes em Suvavou. Ele apontou que existem semelhanças em ambos. De um lado, igrejas cristãs como a Metodista e a

Adventista do Sétimo Dia (ADS) tem coexistido por mais de cem anos na vila. Em ambos, há uma forma predominante de aprendizagem religiosa que consiste em uma troca de perguntas e respostas. Por exemplo, nas igrejas metodistas, todo domingo de manhã, antes da abertura da adoração, um grupo de senhoras idosas, sentadas nos bancos de trás, lia em voz alta perguntas e respostas impressas no verso do hinário. A líder do grupo lia em voz alta uma pergunta e, em seguida, o resto do grupo lia em voz alta a resposta. As idas e vindas das perguntas e respostas funcionavam como uma espécie de música de fundo, na medida em que as mulheres não se concentravam no conteúdo, mas no ritmo que produziam.

Nas igrejas ADS, todos os sábados, os adventistas participavam de grupos de estudos bíblicos divididos por sexo e idade. As mulheres e os jovens normalmente se mantinham silenciosos durante as aulas, enquanto as aulas dos homens mais velhos geralmente envolviam debates acalorados. Normalmente, um dos membros da aula dos homens mais velhos fazia uma pergunta. Um membro perguntava e, em seguida, cada um dos outros tentava formular uma resposta. Apesar do debate gerado pela questão, a pessoa que fez a pergunta geralmente concluía a rodada dando sua própria resposta e, depois, o resto do grupo lia passagens da Bíblia confirmando e apoiando sua exatidão (op. cit, p.92).

Por outro lado, no ritual de troca de presentes, geralmente, o grupo de doadores se reunia e um homem mais velho agia como porta-voz. Normalmente, o porta-voz ficava em frente e fazia um discurso ajoelhado e segurando uma *tábua* (dente de baleia). Os presentes (esteiras, dinheiro e comida) haviam sido empilhados ao lado dele e o grupo de presenteadores ficava de frente para o grupo receptor. No discurso, o porta-voz fazia um reconhecimento a pessoas pertencentes ao grupo receptor, explicava o motivo da visita, pedia desculpas pela inadequação dos presentes, enfatizava os laços de sangue entre os dois lados e pedia para o grupo receptor aceitar os presentes e seu discurso.

Depois de terminar o discurso, o porta-voz do grupo doador permanecia imóvel segurando a *tábua* na sua frente até que o porta-voz do grupo receptor a retirava. O porta-voz do grupo receptor entregava-a ao chefe que a beijava e proclamava sua aceitação. A *tábua* era passada ao porta-voz do grupo receptor que fazia um discurso mais longo. Este discurso terminava com uma série de orações e sempre se referia a Deus. Os receptores apresentavam outra *tábua* de volta como presente e agradeciam aos doadores pelo seu esforço.

Em ambos os rituais, os cristãos e o de troca de presentes, podemos perceber algo que Miyazaki chamou de suspensão da agência. Significa um

momento em que todos ou um deles estão esperando por uma resposta, quando há um silêncio, quando não há agência. O autor observou: “quando o porta-voz do presenteador ficava em silêncio, ele colocava os presenteadores em risco de rejeição – ele colocava sua esperança nas mãos dos receptores de presentes” (MIYAZAKI, 2004, p.106). Essa absoluta quietude dos doadores de presentes “implicava uma negação temporária da agência dos participantes do ritual” (op.cit.). No entanto, como continua o autor, esses movimentos para suspender a agência não eram completamente abertos. Ele destacou: “o momento de esperança que emergiu no momento da suspensão da agência era, então, simultaneamente aberto e fechado” (op. cit, p.106). Os sucessivos momentos de suspensão da agência e a recuperação sucessiva da agência permitiram que os participantes dos rituais antecipassem outro momento de esperança. Miyazaki afirmou:

É através da apreciação [...] da completude desses conjuntos (de perguntas e respostas) que os participantes do ritual de Fiji experimentaram o cumprimento de sua esperança como a capacidade repetidamente de colocar sua própria agência em suspenso. Assim, a esperança produzida nesse processo vinha à tona como a replicação de uma esperança ritualmente cumprida. (op.cit, p.106)

Ou seja, a suspensão da agência, aquele momento de quietude quando o grupo espera por um resposta, é aberta e fechada. Aberta, porque o grupo espera por uma resposta. Fechada, porque eles podiam antecipar outro momento de esperança que seria replicado e ritualmente cumprido.

No CSSV, havia também suspensão da agência em algo que poderia ser percebido como um grande ritual do coletivo: o ciclo consistia em convites, reuniões e intervenções. As histórias sobre agressões que poderiam ser descobertas através de vizinhos ou mídias sociais funcionavam como uma forma de incentivar os convites do coletivo para as reuniões. Então, ouvir sobre roubos ou agressões encorajava o grupo a fazer um convite à comunidade para uma nova reunião. O convite costumava ser divulgado nas mídias sociais na forma de um *e-flyer* informando a data, o local, a hora, a *fanpage* no *Facebook* do coletivo acompanhado de uma foto de encontros anteriores. Além disso, os membros convidavam seus amigos e parentes comentando uns com os outros e, às vezes, um evento do *Facebook* era criado. Neste ponto, costumava haver uma pausa, uma suspensão de agência, na qual os membros corriam o risco de serem rejeitados, como os doadores de presentes no ritual do povo Suvavou, e esperavam a resposta da comunidade, colocando a esperança nas mãos deles.

Em seguida, os vizinhos que aceitavam o convite costumavam ir às reuniões e entre todos planejavam-se intervenções no espaço público.

Especificamente, no CSSV, havia planos para dois tipos de intervenções: a instalação de câmeras de vigilância e a execução de atividades artísticas em espaços públicos. Nos momentos em que o coletivo fazia planos, a esperança era colocada em ambos: as câmeras e as atividades públicas. Mais tarde, a intervenção, por exemplo, costumava ser feita nas ruas, e os participantes, depois de fazer isso, faziam uma pausa. Podemos entender essa pausa como uma suspensão, como uma suspensão de agência, como se o coletivo estivesse esperando por uma resposta do seu público ou as pessoas que foram (ou poderiam ser) afetadas pela intervenção, eu diria, a polícia, a mídia, os ladrões, as pessoas da área ou outros vizinhos. Na minha opinião, da polícia, o coletivo esperava mais vigilância; da mídia, mais denúncia; dos ladrões, menos assaltos, e dos outros vizinhos, sua colaboração na (re)ativação do espaço público e no empenho em trabalhar em conjunto.

A suspensão da agência do coletivo era aberta e fechada simultaneamente, como nos rituais do povo Suvavou. Aberta, porque havia momentos de expectativa de resposta de diferentes participantes. E fechada, porque o cumprimento de sua esperança na ida e volta de sua agência antecipava outro momento de cumprimento ou satisfação. A esperança produzida no ciclo de convites, reuniões e intervenções era a replicação de uma esperança “ritualmente” satisfeita.

Mas a esperança não é simplesmente apresentada no que o autor chamou de suspensão da agência. O povo Suvavou primeiro confirmava a certeza das intenções de Deus e então se apresentava com um modelo concreto de ação. Miyazaki apontou que “a fonte de esperança está em estender o exemplo bíblico à ação social e política e colocar em primeiro plano a agência humana” (MIYAZAKI, 2004, p.120). Como disse o autor, o processo consistia em duas etapas: primeiro, suspender a agência humana, usar a Bíblia como guia, e preparar um plano de ação. Para ele, esse processo “transformava um momento presente caracterizado por uma perspectiva retrospectiva em um cheio de esperança” (op.cit. p.120). A esperança como método, em suas palavras, é “um esforço para preservar dinâmica prospectiva do presente” (op.cit. p.120).

Nos rituais de troca de presentes, por exemplo, a orientação prospectiva do presenteador de esperar uma resposta positiva era compensada por uma avaliação retrospectiva dos presentes feitos pelo receptor do presente (normalmente como “respeitoso” e “supremo”). Esse momento de incongruência temporal resultava em um novo momento de prospectividade, por exemplo, quando o porta-voz do grupo receptor de presentes dedicava os presentes a Deus. Se olharmos para o CSSV, podemos

perceber alguns momentos retrospectivos - de memória ou crítica - que levaram o grupo a uma dinâmica prospectiva.

Prospecção compensada com retrospectção

Na manifestação realizada no Largo dos Guimarães, como mencionei antes, Leonardo e eu fomos chamados, de maneira pejorativa, de apoiadores da direita. Para mim, foi uma provocação à reflexão. No entanto, para Leonardo, era uma questão fundamental a ser discutida com o resto do grupo, antes de continuar fazendo planos. Ele estava incomodado com o fato de que as pessoas estavam interpretando a manifestação como um ato relacionado a uma posição política. Na reunião seguinte, combinada para pensar nos próximos planos, em retrospectção, conversamos sobre a manifestação e Leonardo trouxe esse episódio com a sugestão de não envolver visões políticas com as atividades do coletivo. Naquela reunião, Angélica propôs criar os princípios do coletivo e, depois de escutar a declaração de Leonardo, ela fez questão de escrever uma nota dizendo que o grupo não era partidário. A crítica retrospectiva de Leonardo gerou o momento prospectivo de criar os princípios, que foram pensados para orientar nossas próximas atividades no bairro.

No dia 06 de novembro de 2016, foi organizada uma reunião geral no Parque das Ruínas. Ingrid começou dizendo que a reunião tinha sido organizada para pensar uma ação específica na rua André Cavalcanti, um dos pontos mais perigosos do bairro. No entanto, Angélica queria trazer algo que havia acontecido na pintura de escadarias na Praça do Largo Curvelo. Ela mencionou que havia percebido como é importante chegar e entender o que acontece naquele lugar, estudá-lo e tentar incentivar e mobilizar pessoas que tem uma relação mais próxima com ele. Ela disse que todo lugar tem um "ecossistema". Depois da conversa, outras pessoas começaram a trazer memórias e críticas sobre eventos passados, sobre a rua André Cavalcanti e sobre seus próprios quarteirões. Essas lembranças e críticas fizeram com que o grupo pensasse em ações a serem feitas na rua André Cavalcanti, como: pedir mais luzes à prefeitura, aproximar-se da polícia e do batalhão militar e pensar em uma exposição de bolsas roubadas como uma maneira de protestar. Mais uma vez, uma autocrítica retrospectiva compensada com a disposição do grupo em participar de um novo encontro gerou esperança no presente.

Em ambos os casos, a sugestão de Angélica e a lembrança de Leonardo, um momento de retrospectção transformou um momento presente em um prospectivo. Para Miyazaki, no povo Suvavou, a esperança

foi replicada de um momento para o outro, e “essa réplica foi mediada pelo impulso recorrente de reintroduzir uma perspectiva retrospectiva no presente” (MIYAZAKI, 2004, p. 128). A esperança como método, para ele, consiste em replicar o passado, o imediato ou o distante. Ele disse: “o método da esperança, em outras palavras, é uma herança performativa da esperança” (op.cit, p.128). A esperança, em Suvavou, apareceu em diferentes terrenos e seu povo “experimentou cada momento de esperança como novo, não como algo já experimentado, pelo menos naquele momento” (p.128).

No CSSV, a esperança apareceu em diferentes terrenos também: em convites para a comunidade, em intervenções em espaços públicos, em planos com outros vizinhos, em reuniões etc. E eles foram replicados para preservar, a meu ver, momentos prospectivos no presente, para tornar o coletivo vivo. Para Miyazaki, a esperança é o único método de recuperar a esperança, portanto, ele escreveu o livro dessa maneira. Em cada capítulo, ele replicou a esperança em um novo terreno da vida das pessoas de Suvavou, sempre em um novo nível. Inspirado por Bloch, que analisou no livro *Principle of Hope* (1986), manifestações de esperança presentes desde em devaneios à música, à ciência e tecnologia e à religião, Miyazaki destacou que “a esperança exige que o seu próprio método seja replicado no método de sua representação” (op.cit, p.129). Então, para ele, “o método da esperança é o único método de representar a esperança” (op.cit, p.129) e seu livro é uma “especulação etnograficamente informada sobre o que vem depois da esperança” (op.cit, p.24) e “uma implementação da esperança do povo Suvavou em outro terreno, o do conhecimento antropológico” (op.cit, p.3). Como a proposta de Miyazaki, cujo sucesso depende se o livro do autor gera mais um momento de esperança, aqui estou eu, em uma tentativa de fazer o mesmo em outro terreno: o de design.

4. O método da esperança no meu engajamento de design/antropologia

Incongruência temporal no CSSV

Se compararmos o livreto com a sugestão de Angélica de entender o lugar antes de intervir, podemos analisar, em paralelo, como momentos de esperança surgiram no coletivo e como design pode obter inspiração desses momentos, para criar modos de incentivá-los no futuro. O objetivo em ambas as situações, a sugestão de Angélica e com o livreto, eram

semelhantes. Com o livreto, eu queria conversar com o grupo e trouxe uma sugestão sobre como ir adiante. Angélica fez o mesmo, mas a diferença entre sua sugestão e o livreto foi que ela convidou a colocar na mesa o que as pessoas tinham ou queriam dizer, todas as tentativas anteriores, histórias que aconteciam em outras partes de Santa Teresa, até mesmo em outros bairros. No entanto, com o livreto eu pretendia começar tudo de novo. Eu estava tirando da caixa de ferramentas de design a ideia da *tabula rasa*.

Embora o conceito de serviço colaborativo proposto no livreto fosse *WhatsApp*, o livreto mostrava meu desejo de começar de novo. Por outro lado, com o mesmo impulso de modificar a forma como o coletivo estava agindo, a reação de Angélica foi diferente: ela fez uma crítica, uma reflexão sobre não fazer as coisas muito rápido, uma consideração de que algo que tinha que ser feito para se chegar mais longe.

O livreto desconectou o prospectivo do retrospectivo, e esta poderia ser uma das razões pelas quais ele não provocou um debate, por que não gerou inspiração ou um novo momento de esperança. A ideia do livreto assumiu que, por um momento, o coletivo poderia esquecer tudo e começar de novo. Ele trouxe consigo uma das fraquezas da tradição de design e sua inclinação por solucionar problemas. Algo na tradição de design desconecta a esperança do desespero.

Em suas “Teses sobre a Filosofia da História” (1962), Walter Benjamin critica a ideia “da história como uma cadeia de causa e efeito, apontando para o papel messiânico do historiador. [...] O historiador messiânico de Benjamin busca uma esperança não realizada no passado e facilita seu cumprimento” (MIYAZAKI, 2004, p. 21). Miyazaki apontou que Peter Szondi (1986) vê na “esperança no passado” de Benjamin a união de esperança e desespero. O autor afirmou: “a retrospectiva messiânica do historiador é a fonte de esperança no futuro do historiador messiânico mesmo no momento de desespero” (MIYAZAKI, 2004, p.22) e terminou o parágrafo dizendo: “poderíamos dizer que a esperança de Benjamin é predicada numa dialética do passado e do presente” (op.cit, p.22).

Mais adiante no livro, Miyazaki comparou a interação de perspectivas retrospectivas e prospectivas na vida do povo de Suvavou e a “esperança no passado” de Benjamin. Miyazaki apontou que a esperança a que Benjamin está se referindo “é um produto da incongruência temporal entre a dinâmica prospectiva do momento passado de esperança que o historiador buscou recapturar e a perspectiva retrospectiva do historiador” (op.cit, p.110). Na interseção entre o povo Suvavou e a esperança de Benjamin, ele encontrou uma solução para recuperar e manter a esperança. Seu argumento é que a esperança no passado é extrapolada e replicada como

esperança no presente. E que o método da esperança, como mencionado anteriormente, “consiste em replicar o passado (imediato ou distante)” (op.cit, p.128).

A seguir, analiso momentos de incongruência temporal que resultaram em momentos renovados de prospectividade (e esperança) no meu engajamento com o CSSV. Meu objetivo é entender como design contribui ou interrompe momentos de esperança e como estes momentos poderiam ser desencadeados através do design no futuro.

Se lembrarmos do *workshop* organizado no Centro Cultural Laurinda Santos Lobos para pensar juntos sobre o cartaz, se lembrarmos também da ficha e das perguntas, as perguntas estavam relacionadas ao conteúdo dos cartazes, ao público, aos materiais, à forma e aos custos. Depois de entregar as fichas para todos os participantes e depois do tempo que levaram para pensar sobre as respostas, todos leram o que escreveram nas fichas. Uma discussão se gerou a partir das respostas e, enquanto isso, eu registrava o que as pessoas falavam em grandes folhas de papéis com marcadores coloridos para que todos pudéssemos ver.

Minha orientação prospectiva de esperar pelas respostas do grupo foi compensada pela retrospectiva dos participantes de olhar para suas respostas e lê-las em voz alta. Esse momento de incongruência temporal resultou em um momento renovado de prospectividade. Depois de compartilhar todas as respostas e ter todas elas no papel, votamos e finalizamos a reunião com uma ideia a ser desenvolvida nos próximos encontros. A ficha em si não conduziu a um momento de retrospectiva, apenas prospecção, mas o momento de colocar na mesa todas as ideias anteriores foi o momento que fomentou “a faísca de esperança no passado (recente)” (MIYAZAKI, 2004, p.21).

Além disso, no quarto encontro, no qual foi discutido o símbolo de proibido e a imagem do assaltante, a orientação prospectiva do molde dos estênceis foi contrariada pela maneira retrospectiva da Mayara de criticar o símbolo. Ela trouxe para a mesa as mortes resultantes de confrontos policiais com traficantes de drogas que ocorreram na mesma semana da reunião. Suas considerações geraram uma discussão sobre o assassinato de criminosos e os desejos do coletivo. Com base na opinião de Mayara, e após uma votação, o símbolo de proibido foi removido. O momento de prospecção que o molde, que se tornaria estêncil, estava incitando foi combatido pela retrospectiva de Mayara. Esse momento de incongruência temporal resultou, novamente, em um momento renovado de prospectividade. Para a manifestação, o coletivo fez dois estênceis

diferentes: um com o pictograma de um ladrão e outro com a hashtag #SantaSemViolência.

Replicando a esperança

Para Miyazaki, o que ele chamou de esperança como método consiste em replicar a esperança. A incongruência temporal em torno das críticas de Angélica e Mayara resultou em um novo momento de prospectividade. Após a observação de Angélica, os participantes do encontro deram sugestões sobre como fazer um plano de ação, e o mesmo ocorreu com a crítica de Mayara. O conhecimento dos participantes dessas reuniões foi reorientado para o futuro. Sua esperança no passado foi replicada em um momento presente. Para Miyazaki, a esperança é o único método de recuperar a esperança. Em seus relatos sobre o povo Suvavou, ele trouxe alguns eventos nos quais os atores conseguiram manter um momento de esperança. Toda vez que a esperança era recapturada, ela aparecia em um terreno diferente (rituais de entrega de presentes, grupos de estudos bíblicos, negócios, etc.). Por exemplo, a esperança para o sucesso da *Nadonumai Holdings* (uma empresa formada pelo povo Suvavou) foi deslocada no ritual de entrega de presentes da cerimônia de fundação da empresa, como Miyazaki apontou, pela esperança do primeiro-ministro Rabuka no sucesso das etnias fijianas como um todo.

Nas palavras de Miyazaki, “a esperança foi replicada de um momento para o outro. E essa replicação foi mediada pelo impulso recorrente de reintroduzir uma perspectiva retrospectiva no presente” (op.cit, p. 128). Para o autor, a repetição é a consequência lógica do que ele chamou de “método da esperança”, embora “cada replicação seja diferente em si” (op.cit, p.128).

A reflexão de Miyazaki sobre como a esperança é replicada de um momento para outro em diferentes terrenos instiga uma análise sobre dois pontos relacionados ao meu engajamento com o coletivo: o primeiro, sobre os limites de ser uma ativista, uma residente que faz parte de um grupo de pessoas que lutam contra a violência em um bairro, e o segundo, o fato de eu ser uma designer e uma pesquisadora em design misturando a vida pessoal com a vida profissional. Se lembrarmos do momento em que Leonardo, na reunião após a manifestação, pediu para o grupo não apoiar apenas um partido político, podemos relacionar esse episódio com a observação de Miyazaki de que a esperança é replicada em diferentes terrenos. Assim podemos perceber que, ao mesmo tempo em que Leonardo teve uma perspectiva retrospectiva – ele trouxe algo que aconteceu na manifestação –

, ele estava trazendo a ideia da *tabula rasa* ao grupo, já que ele estava sugerindo desconectar as orientações políticas da maioria dos membros do coletivo do fato de ser ativista em Santa Teresa. Ele estava desconectando dois terrenos diferentes e também o passado do presente.

Talvez, o trabalho de Miyazaki esteja nos dizendo que, por exemplo, quando alguém se junta a um grupo de pessoas, como ativista, como antropólogo ou como designer, essa pessoa traz histórias, preocupações, desesperos, aspirações, esperança com ele, e desconectar isso do presente impede as possibilidades de replicação, esquecendo-se dessa forma da reorientação (do conhecimento) para o futuro e não deixando espaço para a esperança e seu método.

Como designer e pesquisadora em design, mas principalmente como moradora de Santa Teresa, eu adicionei outro terreno aos momentos de esperança do grupo, e também abri as portas do estúdio de design, o local de trabalho tradicional onde novos produtos são desenvolvidos. A maneira tradicional de pensar acerca dos designers como profissionais pressupõe que eles podem atuar em apenas um terreno, ou seja, em um estúdio isolado, o terreno da oficina. Mas, quando a designer mistura a vida profissional com a vida pessoal, outro terreno é adicionado e este pode nutrir ou instigar novos momentos de esperança.

O fato de a designer mesclar esses dois terrenos (o profissional e o pessoal) é algo que tem sido feito tradicionalmente, mas não é amplamente reconhecido. Designers muitas vezes estabelecem um compromisso com seus colaboradores (ou clientes) além de suas vidas profissionais, porém eles não falam muito sobre isso. O fato de ser moradora de Santa Teresa me ofereceu a possibilidade de participar dessa iniciativa e trabalhar com algo que me preocupava também como designer. Com a experiência de viver e atuar como designer em Santa Teresa, a ideia do estúdio de design, como tradicionalmente concebida, foi desafiada e outros terrenos puderam ser acrescentados aos momentos de esperança do coletivo.

Em seu livro, Miyazaki trouxe novas questões para a antropologia, apresentando uma modalidade de engajamento etnográfico comprometida não apenas com a crítica, a análise e a objetivação, mas com a recepção e a resposta. Ele reivindicou um lugar para a esperança e o método que ele propôs, na antropologia e nas ciências sociais. Isso significa que, em vez de tentar seguir o mundo de maneira tardia, sempre olhando retrospectivamente, ele propôs que "é preciso tornar explícita a própria esperança retrospectivamente através da replicação da esperança do outro em um novo terreno" (p.140). A esperança de Miyazaki é que sua esperança seja replicada em novos terrenos enquanto ele reproduz a esperança do

povo Suvavou. Para ele, “a tarefa de reacender a “faísca de esperança” no conhecimento antropológico exige um esforço para trazer à tona a possibilidade de uma reorientação radical do conhecimento mais uma vez [...] Esse esforço, por sua vez, exigirá um esforço para *herdar e replicar* a esperança contida nas esperanças do passado da antropologia, ou seja, a tarefa de antecipar um novo tipo de antropologia em outro terreno” (p.140).

Minha tentativa com esse trabalho é replicar a esperança de Miyazaki e do CSSV em um novo terreno: design. Ao fazê-lo, surgiram algumas questões: como design pode contribuir para uma antropologia voltada para o futuro, buscando herdar e replicar a esperança contida nas esperanças do passado da antropologia e do design? Como design pode se apropriar do método da esperança? Este livro abre uma discussão sobre design e sua relação com a antropologia. Se Miyazaki está propondo uma outra maneira de fazer etnografia, e se o diálogo em torno de design e antropologia é cada vez mais consistente, então ele está propondo, indiretamente, outra maneira de fazer design. Na minha perspectiva, desdobrando a proposta de Miyazaki, designers (quando se aproximam da antropologia) devem usar seus conhecimentos para obter perspectivas prospectivas, reacender a faísca de esperança no passado e abrir a possibilidade de replicação de momentos de esperança em diferentes terrenos.

Agradecimentos: Este texto foi escrito sob orientação do Professor Doutor Thomas Binder da *The Royal Danish Academy of Fine Arts* de Copenhagen (Dinamarca) durante o Doutorado Sanduíche da autora realizado entre 2017/2018 e financiado pela CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Agradeço às professoras pesquisadoras do *Center for Codesign Research* (CODE), Sissel Olander, Eva Brandt e Mette Ager Eriksen pelas suas correções e contribuições. Igualmente agradeço as editoras deste dossiê, Zoy Anastassakis e Raquel Noronha, por sua revisão e comentários, e a Bruna Montuori pelas sugestões. Por último, mas não menos importante, meu muito obrigado a todas as pessoas do Coletivo Santa sem Violência em Santa Teresa (RJ).

Nota da autora: Todas as citações diretas do livro *The method of Hope* (2004) foram traduções feitas pela autora.

Referências

CLARKE, Alison. "The Anthropological Object in Design: From Victor Papanek to Superstudio". In: CLARKE, Alison J. (Ed.). **Design Anthropology. Object Cultures in Transition**. Viena: Springer-Verlag, 2018. p. 37-52.

IBARRA, M.C. **O design por não-designers (DND): As ruas de Belo Horizonte como inspiração para o design**. 2014. 112f. Dissertação (Programa de Pós-graduação em Design). Universidade do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte.

INGOLD, T. **Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais**. Horizontes antropológicos, Porto Alegre , v. 18, n. 37, p. 25-44, June 2012.

INGOLD, T. **Art and Materiality for a sustainable world**. Londres: Art, Materiality and Representation Conference, 2018b. Disponível em <<https://vimeo.com/274513417>> . Acesso em: 10 set. 2018.

KJAERGAARD, Mette Gislev; HALSE, Joachim; SMITH, Rachel; VANGKILDE; Kasper Tang, BINDER, Thomas, OTTO, Ton. "Introduction: Design Anthropological Future". In: SMITH, R, VANGKILDE, K, KJÆRGAARD, M, OTTO, T, HALSE, J, BINDER, T. **Design Anthropological Futures**, 2016. p. 1-16.

MIYAZAKI, H. **The Method of Hope: Anthropology, Philosophy, and Iijian Knowledge**, Palo Alto, CA: Stanford University Press. 2006.

WEINBERG COLLEGE. People. **Hirokazu Miyazaki**. Disponível em: <<https://www.anthropology.northwestern.edu/people/faculty/hirokazumi-yazaki.html>> Acesso em 10 out 2018.

Como citar

IBARRA, Maria Cristina. **Design como esperança no engajamento com um grupo de moradores de um bairro do Rio de Janeiro.** Arcos Design. Rio de Janeiro: PPD ESDI - UERJ. Volume 11 Número 2 Dezembro 2018. pp. 26-55. Disponível em: [<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/arcosdesign>]

DOI: 10.12957/arcosdesign.2018.47516



A Revista Arcos Design está licenciada sob uma licença Creative Commons Atribuição - Não Comercial - Compartilha Igual 3.0 Não Adaptada.